# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ...... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 263

11 DE ABRIL 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

FIDES DEVRIÉS

GRAVURA DE C. ALBERTO (Segundo uma photographia de Benque & C.ª)

# CHRONICA OCCIDENTAL

A Academia Real das Sciencias, de que era presidente S. M. el-rei D. Fernando, reunindo-se em sessão, depois da morte do illustrado principe, para escolher presidente, elegeu, n'um momento de boa inspiração, para aquelle cargo, S. M. el-rei D. Luiz.

Elegendo o sr. D. Luiz de Bragança seu presidente a Academia Real das Sciencias de Lisboa, o primeiro instituto litterario e scientifico de Portugal, não escolheu só o primeiro cidadão do paiz, o augusto chefe do Estado: escolheu ao mesmo tempo um litterato eminente, um protector disvelado das lettras, das sciencias e das artes.

E foi por tudo isto, foi pelo novo presidente ser um rei *doublé* de um homem de lettras illustre, que a escolha da Academia foi felicissima. Tão feliz, que os resultados começam já a apparecer.

Eleito presidente da Academia, S. M el-rei não acceitou essa nomeação com os ares indifferentes com que um rei acceita uma homenagem banal de cortezanismo: acceitou-a com o enthusiasmo e com a convicção com que um homem de talento acceita um encargo glorioso, mas trabalhoso tambem.

O traductor notabilissimo de Shakspeare, o litterato illustre de quem ainda ha dias fez a apotheose um dos criticos mais eminentes e mais difficeis do nosso paiz, o sr. Camillo Castello Branco, chamado a presidir á primeira academia intellectual do reino, entendeu, e entendeu muito bem, que esse logar de presidente que a Academia lhe offerecia não devia ser para elle uma sinecura real, que esse titulo honroso que nas suas regias mãos depositavam não devia ser apenas um titulo honorifico, e que, como rei e como homem de lettras, lhe cabia o dever de pôr o seu bello talento e a sua alta influencia ao serviço dos progressos d'essa Academia, de a transformar de instituição de honra em instituição de utilidade, de fazer com que ella dê um forte impulso ao movimento intellectual da nossa terra, com que ella se torne um dos grandes motores do desenvolvimento das nossas sciencias e das nossas lettras.

E desde o dia em que foi eleito presidente da Academia, S. M., em vez de se cingir ao seu papel official de presidente rei, que só apparece nos actos solemnes, abrindo e encerrando as sessões, começou a frequentar assiduamente a Academia, a presidir a todas as suas sessões ordinarias, a collaborar, como socio, com todos os outros socios da Academia, nos seus trabalhos quotidianos, com um amor desvelado, com uma dedicação enorme.

E na ultima sessão que ali se realisou, na terça feira passada, sessão publica, em que o academico o sr. José Horta fez uma erudita e interessantissima conferencia ácerca da circulação da materia, depois do orador terminar o seu discurso, el-rei D. Luiz tomou a palavra, e, n'um improviso brilhante, rapido e eloquente, annunciou á Academia que punha ao seu dispor a quantia de um conto de réis cada anno, para ser dado como premio á melhor obra litteraria ou scientifica que n'esse anno se publicasse no paiz.

E para que esse premio tenha effectivamente o effeito salutar de um estimulo, de uma recompensa, será conferido á obra mais importante, embora o seu auctor não seja academico.

Está portanto aberta para todos a liça.

Esse premio não se destina especialmente a um dado genero, a um determinado ramo: um anno será conferido á melhor obra litteraria, romance, poema, ou peça theatral; n'outro será adjudicado á melhor obra scientifica, conforme o presidente annual pertença á secção de sciencias ou á secção de lettras.

Este premio só por si já representa um grande melhoramento, um estimulo poderoso ao trabalho intellectual; e representa, alem d'isso, a inauguração de uma nova epocha para a nossa Academia, um periodo aureo de progresso, de brilho e de influencia salutar, periodo que será marcado na historia, pela eleição para presidente, de D. Luiz de Bragança, o augusto rei de Portugal e o eminente traductor do Othello.

As recitas da Patti continuam a ser o acontecimento dominante em Lisboa.

O grande triumpho alcançado pela gloriosa cantora na primeira noite, accentuou-se mais ainda nas noites seguintes, e as ovações á Patti, sempre em *crescendo*, chegaram na sua quarta recita a uma verdadeira apotheose.

Em Lisboa dá se um facto, muito trivial nas terras pequenas, e de que por isso nos deviamos libertar, em relação ás celebridades que nos veem lá de fóra.

Quanto maior é a fama que precede um artista a Lisboa, tanto maior é a desconfiança com que Lisboa vae assistir ao seu debute.

Effectivamente, nós não somos em absoluto pela admiração sob palavra, pelo enthusiasmo por informações, mas d'ahi a querer antepor a nossa opinião ao consenso unanime da critica de todos os paizes, vae uma distancia enorme.

Porque no fim de tudo achamos perfeitamente ridicula a pretenção de julgarmos que só nós é que entendemos de arte, e que podemos ter razão contra todo o mundo.

Esses lisboetas desconfiados forjaram para seu uso uma lenda muito intrincada de reclames pagos, de criticas compradas a peso de ouro, e do modo facil como se fazem reputações lá fóra, e agarram-se muito satisfeitos a essa lenda para explicar decentemente, modestamente, a sua prevenção tacita contra todas as celebridades.

Essa lenda, porem, é tudo o que ha de mais fantastico, e tambem de mais imbecil.

Nós comprehendemos perfeitamente que uma mediocridade muito reles possa (mercê d'um bom par de vintens, ou de um bom par de amigos) grangear n'uma terra pequena ou n'outra, uma duzia de reclames nos jornaes, nos jornaes das agencias italianas por exemplo, onde esses reclames teem preço estabelecido, ou na nossa terra, onde o excesso de benevolencia da critica se não vende por dinheiro, honra nos seja, mas se dá de graça pela bonhomia bonacheirona que nos está na massa do sangue.

Ora esses reclames podem fazer uma celebridade local, e por isso, se ámanhã nos apparecer ahi em qualquer theatro um artista notavel em Verona, em Veneza, ou mesmo em Sevilha, ou em Marselha, nós pomos de quarentena essa celebridade.

Nos grandes centros artisticos, essas celebridades são mais difficeis de adquirir, primeiro porque a vida d'esses centros é nos muito mais conhecida, e porque nos chegam rapidamente, não só os jornaes que trazem a sua opinião, mas o echo da opinião do publico, e essa opinião é que não ha dinheiro nem amizade que a compre.

Por exemplo, no anno passado, cremos, veio a Lisboa uma cantora que tinha certo nome no jornalismo francez, a sr.ª Carolina Salla. Cantou em S. Carlos uma noite só, e não agradou. Estava rouca, disse se, e, como nos não appareceu mais, ficámos sem saber se não nos agradou por esse incidente, ou se a sua rouquidão era chronica.

Mas com a sr.ª Salla dava-se o caso que apontamos. Quatro, cinco, ou dez jornaes francezes, faziam-lhe elogios, sem comtudo a darem como celebridade: mas não tinha chegado até nós noticia de grandes ovações feitas pelo publico, nem d'esses ruidosos successos cujo echo passa depressa as fronteiras nacionaes.

E depois, essas ovações, quando feitas pelo publico de uma unica cidade, podem não querer dizer nada; representam a opinião d'esse publico, sem de modo algum representarem o merecimento absoluto do artista a quem essa opinião é favoravel, porque no fim de tudo essa opinião póde ser influenciada por mil circunstancias alheias ao merecimento real da pessoa que ella distingue.

Por exemplo: a Sarah Bernhardt agradou pouco em Madrid, e a Marina agradou immenso; nós, que ouvimos ambas, comprehendemos que essa opinião foi motivada por todas as circumstancias accidentaes que regem muitas vezes o publico, menos pelo merecimento real dos dois artistas.

Agora, quando um artista qualquer atravessa, a Europa toda, triumphante, quando passeia no meio de apotheoses enthusiasticas a sua gloria pelos paizes longiquos da America, quando de todos os lados se ergue um hosanna em unisono para acclamar esse artista, desenganem-se, meus senhores: esse artista não rouba a sua gloria, merece a sua reputação.

Um publico ou outro publico pode-se enganar no seu *veredictum*, uns criticos ou outros criticos podem vender a sua opinião por dinheiro, ou dal-a por amizade, mas o que é inteiramente impossivel é comprar todos os criticos do mundo, é que todos os publicos da Europa e da America se enganem, e que só nós é que estejamos na verdade.

E por isso nós, desde o primeiro dia em que a Patti pisou terra portugueza, a saudámos com enthusiasmo e sem reserva.

Nunca a tinhamos ouvido, mas sabiamos que era por força uma grande artista, que tinha qualquer coisa de estranho, de previlegiado, de excepcional, porque sem isso não se conquista a fama excepcional que ella tem.

E não empregámos mal a nossa confiança: a Patti cantou, e excedeu todo o maravilhoso que imaginavamos d'ella; e o publico finalmente, esse publico que frio e severo a acolheu, cheio de prevenções e de reservas, acabou por comprehender quanto é justa a fama gloriosa da Patti, e está-lhe fazendo, elle, o juiz severo e aggressivo do primeiro momento, ovações tão enthusiasticas, tão ruidosas, tão sentidas, como lhe teem feito todos os publicos do mundo, de que Patti é a cantora adorada.

*Gervasio Lobato.*

---

# FIDES DEVRIÉS

Só um emprezario como o sr. Campos Valdez, seria capaz de fazer este milagre extranho, de um jornal de Lisboa, dando n'uma epocha os retratos dos artistas que cantam em S. Carlos, dar ao mesmo tempo o retrato dos artistas mais celebres, dos artistas que são hoje unicos no mundo lyrico.

Hontem davamos o retrato da Patti, hoje damos o retrato da Devriés: hontem o retrato da grande celebridade gloriosa que ha vinte annos enche o mundo de assombro: hoje o retrato da mais celebre cantora franceza moderna, d'aquella que é a gloria mais resplandecente da Opera de Paris.

As chronicas do Occidente, este anno e no anno passado, teem-se occupado muito largamente e muito frequentemente da famosa artista de quem damos hoje o retrato, para que tenhamos de fazer aos nossos leitores da provincia e do estrangeiro demorada apresentação de Fidès Devriés.

Fidès Devriés pertence a uma familia judia, da Hollanda, uma familia de artistas que Lisboa conhece perfeitamente.

Sua mãe, que vive ainda, e que está actualmente entre nós, foi uma cantora distinctissima, e hoje é uma sympathica senhora, amavel, boa, risonha, que revê o seu glorioso passado ressuscitado no presente glorioso de seus filhos.

Ha vinte e tres annos a sr.ª Devriés, mãe, Rosa Devriés, esteve cantando em S. Carlos

Foi na epocha de 1863-1864, na companhia em que figuravam a Tedesco, a Peralta, a Galetti, a contralto Tatti, o barytono Beneventano e Pandolphini, e o celebre Mongini.

Cantou com elle a *Lucrezia*, a *Semiramide*, o *Guilherme Tell* e o *Fingal*, do nosso muito conhecido maestro Cappola.

Agradou muito em Lisboa, e a prova d'isso é que fez beneficio — honra que S. Carlos só concede a artistas cujo nome se impõe ao publico, e por signal n'essa noite cantou a *Norma*, que n'essa mesma epocha fôra já cantada pela Galletti.

Rosa Devriés tem dois filhos e duas filhas, todos cantores: Mauricio, o barytono distincto que este anno temos ouvido em S. Carlos, Hermann, sobrinho do celebre prestidigitador de quem tem o nome, tenor muito applaudido; Joanna, um magnifico soprano muito conhecido hoje no mundo lyrico por M.me Dereims-Devriés, pois casou com o tenor Dereims que Lisboa tambem já ouviu ha oito annos, e finalmente Fidès, a mais gloriosa de todos os seus filhos e de todos os cantores modernos da escola franceza.

Fidès Devriés nasceu no fim de uma representação do *Propheta*, e sua mãe que na noite em que a deu á luz fizera ainda o papel de Fidès, poz-lhe o nome do seu personagem.

Senhora até á raiz dos cabellos, Fidès Devriés, apesar do seu enorme talento de cantora, e da ardente vocação theatral, teve durante muitos annos profunda repugnancia em seguir a carreira lyrica.

A scena seduzia-a, mas os bastidores assustavam-na, inspiravam lhe uma repugnancia invencivel.

Por fim venceu-se, e foi.

A sua estreia na Opera mereceu-lhe logo um triumpho collossal, mas apesar d'isso, apesar dos bravos e das ovações, Fidès Devriés fugia do theatro logo que acabava de cantar, e ao entrar para os bastidores ia sempre contrafeita, aborrecida:

— *Il me semble que je marche au supplice*, dizia ella.

N'estas disposições, a nova e formosa cantora acceitou com enthusiasmo a mão de esposo que lhe offereceu, fascinado pelos seus encantos, o sr. Adler, um rico dentista americano que vivia em Paris, e pelo braço de seu marido disse adeus ao theatro.

*

* *

Durante annos esteve ausente do theatro, e só cantava em concertos, quando a sua voz maravilhosa podia ir minorar algum soffrimento, cumprir qualquer obra de caridade.

Finalmente, em 1882, Heugel, o editor celebre,

morto ha pouco tempo, querendo dar uma solemnidade excepcional á 200.ª representação do *Hamlet* de Ambroise Thomas, de quem era muito amigo, pensou que o maior attractivo d'essa festa seria a reapparição da Devriés no papel de Ophelia, ella a mais completa Ophelia que tem cantado a celebre opera franceza, e tanta vez, que conseguiu fazer com que Fidès Devriés-Adler voltasse para o theatro de que era a mais radiante gloria.

Em 23 de fevereiro de 1882 pois, Fidès reappareceu na Opera franceza, e a sua reapparição foi um acontecimento em Paris.

Em todo o explendor da sua belleza, da sua elegancia excepcional, do seu talento *hors ligne*, a Devriés reatou a sua carreira lyrica interrompida, e de então para cá tem caminhado de triumpho em triumpho até á ultima creação que esta epocha fez em Paris, na nova opera de Massenet, o *Cid*, e que lhe valeu da critica franceza uma verdadeira apotheose.

No anno passado a Devriés appareceu pela primeira vez em S. Carlos, cantando n'umas recitas extraordinarias o *Fausto*, o *Hamlet* e o *Rigoleto*. O seu successo foi collossal: nunca se vira representar e cantar assim os papeis de Margarida, de Ophelia e de Gilda: a mais suprema expressão da concepção artistica, a mais brilhante manifestação da arte franceza moderna.

Este anno Devriés voltou e o seu successo foi ainda maior que do anno findo; e maior vae ser ainda decerto, se é possivel, no papel de Salomé, da *Herodiade*, que ella vae crear em Lisboa, e de que foi a creadora gloriosa em Paris.

Um talento extraordinario, uma consciencia artistica como nunca vimos em nenhuma cantora, uma correcção maravilhosa, que desafia a critica mais severa, uma distincção suprema uma expressão physionomica que só se pode comparar com a expressão da Sarah Bernhardt, uma voz magnifica e uma arte de canto prodigiosa, tudo isto faz uma artista excepcional da sr.ª Fidès Devriés-Adler, que fóra do theatro é uma distinctissima, uma verdadeira senhora em toda a alta e respeitosa accepção da palavra.

*G. L.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### MONDEGO — NO CHOUPAL

A paizagem que publicamos a pag. 88, copia de uma photographia pertencente a uma bella collecção de photographias com que nos brindaram os srs. E. Biel & C.ª, bem reputados e conhecidos photographos portuenses, representa um d'esses formosos pontos do Mondego, tão cantado por poetas e tão explorado por artistas, que encontram n'elle motivos para bellos quadros de paizagem.

O Choupal é um dos sitios mais pittorescos, se no Mondego podem haver preferencias, e o photographo soube aproveitar bem a paizagem, fazendo um cliché, que é perfeito quadro, composto pela natureza, que é a grande artista, mas que nem sempre as reproducções que d'ella fazem, resistem á critica da arte, quando o artista que reproduz a paizagem, não sabe procurar o ponto que lhe deve dar um bom quadro, com todas as linhas de composição, indispensaveis para que a obra de arte tenha o effeito, optico e prespetico convenientes.

A paizagem que apresentamos, satisfaz completamente a estes preceitos, e o photographo escolhendo bem o seu ponto de vista, evidenciou eloquentemente que a natureza é a artista por excellencia.

## A SERRA DO GEREZ

(Concluido do n.º 260)

Deixemos os pontos elevados da serra.

De Leonte desçamos para os lados de Hespanha por um pessimo caminho, unico que existe. Passemos para além do *curral d'Albergaria* e atravessemos uma pequena ponte que dá passagem sobre um riacho, que vae perto desaguar no Homem. Admire-se d'ahi o aspecto maravilhoso da serra. Recortada profundamente n'uns poucos de sentidos, coberta de espessa matta de carvalhos até grande altura e coroada por massas graniticas de formas caprichosas, não pode ser mais bella.

Continuemos a caminhar. Auxilia-nos a fresca sombra do arvoredo. A pequena distancia tivemos uma paisagem perfeitamente caracteristica e como raras vezes se encontra. O rio Homem apparece quasi por encanto. Mal se percebe d'onde vem. Despenha-se em brilhante cascata para seguir por entre altas muralhas graniticas. Alguns troncos d'arvores lançados de margem a margem formam a *ponte feia*. D'esta podem contar-se no fundo do leito do rio as mais pequenas pedras, tal é a limpidez das aguas.

Do lado esquerdo do rio admira-se uma espessa floresta terminada em picos graniticos elevadissimos.

*
* *

Da *ponte feia* é bom ir ao *Villarinho das furnas* onde em principios d'este seculo foram hospedados o Conde de Hoffmansegg e o professor Link que da Allemanha vieram a Portugal, contemplar-lhe as bellezas e estudar as producções naturaes.

O caminho segue sempre a margem do rio Homem. Esta parte da serra é boa para quem desejar meditar na historia da terra ou na historia do homem.

São aqui bem pronunciados os effeitos das aguas torrenciaes. A observação d'elles facilitará de certo a comprehensão de grandes phenomenos naturaes.

A estrada, que se pisa, é obra dos grandes dominadores do mundo — os romanos. Os marcos milliarios, que ainda se encontram aos lados da estrada, fazem pensar nas legiões que n'outros tempos por alli teriam passado.

O valle que o rio corta, apertado em grande extensão, alarga afinal formando uma planicie consideravel, mas monotona até Villarinho. Uma pequena ponte dá passagem para a povoação, pouco importante. Um pequeno rio a atravessa e da ponte gosa-se uma bella paisagem. Alguns morros escalvados da serra formam um fundo admiravel sobre o qual destaca um grupo de casas da povoação.

Deixando o rio, e não querendo visitar o sitio onde se diz que existira uma antiga povoação importante — *Chalcedonia* — subamos de novo para a serra, protegidos sempre pelos carvalhos frondosos. A setecentos e tantos metros encontraremos n'uma extensa planicie, cortada em campos bem cultivados, uma povoação alegre. É S. João do Campo.

Um pequeno rio corta as veigas que cercam a povoação. Renques de elegantes vidoeiras vestem as margens em mais d'um sitio.

D'esta povoação até ás Caldas o caminho é horroroso: massas graniticas enormes, umas sobre outras, formam castellos gigantescos. O terreno é coberto por vegetação rachitica. Depois de subir a grande altura, começa a descida para as Caldas. Que caminho e que precepicios!

*
* *

Na serra do Gerez não ha só para contemplar a paisagem nos seus diversissimos aspectos e da qual esta noticia é apenas um pallido reflexo.

São dignos de exame os costumes, a vida das povoações serranas.

É boa e obsequiadora a gente d'estas terras. Ha aqui uns restos de costumes antigos, alguns não pouco curiosos. Cada povoação tem obrigação de cuidar da conservação dos caminhos. Cada povoação tem um colmeal commum, onde cada habitante pode ter as suas colmeias.

Geralmente no cultivo das terras empregam vaccas, e como a todos convém que ellas se procrêem, cada povoação tem um touro, que é de paguem, porque todos para o comprar dão dinheiro. Como é de todos não tem elle habitação fixa: Vive successivamente em casa dos diversos lavradores e demora-se tantos dias, quantas as juntas de vaccas que cada lavrador tiver.

De verão todo o gado pasta na serra. Divaga livremente de dia, mas ao cahir da tarde todo o gado de cada povoação recolhe ao *curral*, que é um pequeno espaço um pouco plano, sem guarda ou limites, tendo apenas como distinctivo um *forno* — pequenissima casa, coberta de telha ou de colmo, na qual dorme o pastor.

A gravura que publicamos a pagina 64 representa um dos curraes de Leonte.

É um bello e completo quadro um curral ao cahir da tarde.

Que lindos animaes, que movimento!

Como os gados são de povoações diversas, para todas ha curraes especiaes e a alturas diversas da serra. Os direitos das povoações são totalmente e mutuamente respeitados de modo que nunca os gados de povoações diversas chegam a reunir-se no mesmo logar.

A guarda é feita d'um modo muito regular e justo. Cada lavrador dá um guarda, que passará no monte tantas noites, quantas forem as juntas de vaccas que possuir.

Estas formas de administração local são dignas de ser conhecidas e estudadas.

*
* *

É curta e incompleta esta noticia. Outros a poderão completar, se tomarem a boa resolução de passar alguns dias da estação calmosa n'este recanto de Portugal, tão cheio de bellezas.

*J. Henriques.*

## PASTEUR E AS SUAS OBRAS

### I

Luiz Pasteur, o illustre e grande genio ante a qual se curva reverente a humanidade em homenagem de gratidão, — e que a Academia Real das Sciencias de Lisboa, admittiu por acclamação no seio doutissimo — nasceu em Dole, no departamento de Jura a 27 de dezembro de 1822.

Foram modestos os seus primeiros estudos, cursados na provincia. Ainda assim aos 18 annos conseguiu ser acceite director de estudos n'um collegio de Besançon, obtendo aos 21 annos a admissão na Escola Normal. Dispondo de uma intelligencia não vulgar e da vontade tenacissima de aprender, foi recebido na mesma escola em 1846, aggregado das sciencias physicas e preparador de chimica, e, finalmente, tendo obtido o gráu de doutor em sciencias em 1847, um anno depois já regia a cadeira de physica no Lyceu de Dijon. Em 1849 era professor supplente de chimica na faculdade de Strasburgo e em 1852 professor proprietario d'essa cadeira.

Em 1857 o merito reconhecido do sapientissimo professor, que de 1854 até essa epoca fôra decano da Faculdade das Sciencias de Lille, foi titulo para ser chamado a Paris pelo governo. Ahi successivamente nomeado director dos estudos scientificos da Escola Normal e professor de geologia, de physica e de chimica na mesma Escola, entrou para a Sarbonna em 1863, para a Academia das Sciencias, pouco depois, e em 1873, a Academia de Medicina conferio-lhe o diploma de membro associado. Em 1861 conquistára o premio Jecker, tendo já obtido em 1856 a grande medalha Rumpford pela Sociedade Real de Londres, como premio aos seus trabalhos sobre a polarisação rotatoria e a constituição mollecular do acido paratartrico, e em 1859 um premio de physiologia experimental pelos seus estudos sobre a fermentação lactica, do acido tartrico e do alcool. Em 1868 foi agraciado com a commenda da legião de honra. Em 1874 o ministro da instrucção publica sob parecer de uma commissão encarregada de ex min r-lhe os trabalhos — apresentou á Assembléa Nacional um projecto de lei no qual a França recompensava o celebre chimico com a pensão annual e vitalicia de 20:000 francos, ou 3:600$000 réis, o que foi approvado. Note-se de passagem a modesta retribuição do sabio comparada com os proventos enormissimos das notabilidades lyricas, instrumento dos especuladores e sugadoiro de idiotas!

Pasteur, independente do seu immenso amor pela humanidade em geral, dedica um tão entranhado amor á sua patria, que em 1871, por occasião do bombardeamento de Paris pelos prussos, escreveu ao Decano da Faculdade de B nn, pedindo-lhe que o eliminasse do quadro dos membros honorarios d'aquella faculdade e que lhe acceitasse o diploma — como signal de indignação pela *barbaridade e hypocrisia d'aquelle* que, para satisfação do seu orgulho pessoal, se obstinava no exterminio de dois grandes povos.

Antes de tratarmos da mais recente e extraordinaria descoberta do sabio francez, a *vaccinação prophyllatica da hydrophobia na pessoa ou no animal mordido* — forçoso nos é occupar mo-nos dos seus anteriores trabalhos, alguns dos quaes bastariam para darem gloria immensa e immorredoira não só a um homem, mas a um paiz.

### II

Dos mais notaveis trabalhos de Pasteur são os estudos sobre as fermentações.

Liebig havia feito acceitar quasi universalmente a theoria mechanica para explicar esses phenomenos, apesar de Schwann e Latour terem observado o *saccharomices cerevisiæ* no mosto de cerveja, — quando Pasteur, decorridos 23 annos, provou por experiencias evidentes que as fermentações,

sejam quaes fôr, são produzidas pela actividade das cellulas de organismos inferiores, sem as quaes não ha fermentação possivel.

Assim a fermentação alcoolica dos summos vegetaes assucarados ou de extractos sacchariferos ou de dissoluções saccharinas artificiaes é produzida por cogumellos ascomycetes do genero saccharomyces. Estes vegetaes são pequeninas cellulas redondas ou ellipsoides, que se desenvolvem n'aquelles liquidos e pela sua propia nutrição os decompõem com formação de alcool, de acido carbonico e de outros principios. Cada cellula produz por germinação outras, formando em geral estas cellulas novas pela sua reunião, uma especie de rosarios ramosos. Assim a fermentação da cerveja é pois, como fica dito provocada pelo *saccharomyces cerevisiæ;* a fermentação ammoniacal, isto é, a transformação da uréa em carbonato de ammoniaco na urina expulsa pelo organismo, e o desdobramento do acido hippurico em acido benzoico e glycollamina na urina dos animaes herbivoros, — são phenomenos devidos ao desenvolvimento de um cogumello, cujas cellulas dispostas em rosario attingem apenas a grandesa de 15 decissimas-millessimas de millimetro (1).

(1) Vide *Morphologia vegetal*, por João de Mendonça, pag. 15.

Luiz Pasteur

Como demonstração de que sem esses fermentos vivos não ha fermentação, esmaguem-se ou destruam-se essas cellulas e o liquido não fermentará. Pasteur reforçou e augmentou os descobrimentos de Latour e Schwann com grande numero de factos todos affirmativos da etiologia animada das fermentações; e, averiguando qual seria o deposito ou manancial de onde provinham os germens d'esses microbios, que eram causa das transformações chimicas das materias organicas, achou ser o ar atmospherico.

Esses germens passando do ar para as materias formentesciveis, um liquido saccharino, por exemplo, dão origem a organismos, que se apropriam, impellidos pela necesssidade de se nutrirem, de uma parte dos elementos constituintes, deixando como residuo o producto de fermentação, que no caso indicado é o alcool e o acido carbonico. Mas faltando-lhes o alimento, esses organismos microbianos morrem, precipitando-se sem vida, mas conservando nos seus envolucros tegumentares os seus esporos ou formas reproductivas, que em contacto com substancias adquadas os reproduzem.

Pasteur com a apresentação d'estes trabalhos teve, campião panspermista, de sustentar uma viva lucta com os defensores da geração ex-

SERRA DO GEREZ — Villarinho das Furnas (Segundo uma photographia do sr. Julio A. Henriques)

pontanea dos germens microbianos. Pouchet foi um dos seus adversarios mais illustres.

Todavia em discussões publicas na Academia e por meio de experiencias em que provocava ou impedia as fermentações, conforme tolhia ou não o accesso do ar ás substancias fermentesciveis — poz de seu lado a maioria de votos. A Academia conferindo ao sabio Lister o premio Boudet — instituido para galardoar a melhor applicação da theoria de Pasteur á cirurgia e á medicina — sanccionou a doutrina homogenista do grande sabio. Lister fundando-se n'essa theoria, havia inventado os *pensos anti-septicos das feridas*, preservando-as, assim como quaesquer membranas desnudadas, do contacto do ar.

A putrefacção tambem é explicada pela mesma theoria. Comtudo os organismos que a promovem teem caracter differente dos que operam as outras fermentações. São corpos filiformes envolvidos em uma membrana vegetal e pertencentes ao genero bacterium. O seu comprimento varia de 2 a 5 millessimas de millimetro. Vivem á custa das materias azotadas em que se estabelecem, absorvem o oxygenio e exhalam o acido carbonico. A especie que os microscopios descobrem quasi sempre n'essas dissoluções putridas é o *bacterium termo*. Decompoem as materias albuminoides, reproduzindo-se em enorme quantidade e em pequeno espaço de tempo até consumil-as, morrendo então de inanimidade, mas conservando os esporulos que os hão-de reproduzir.

Pasteur demonstrou que subtraindo qualquer infusão de materia organica ao contacto dos germens de baterias dispersos no ar, essas infusões se poderiam conservar indefinidamente. Para isto sujeita se a materia organica á fervura por cinco minutos e expõe-se depois ao ar, mas filtrado das poeiras e germens. Este systema foi empregado por Appert na conservação das substancias alimentares. Tambem as temperaturas muito baixas conseguem destruir ou pelo menos impedir o desenvolvimento d'essses organismos. Os navios podem transportar carnes frescas da America para a Europa por meio do gelo ou de misturas frigorificas, sem que essas substancias se alterem.

Cohn e Tyndall fazendo actuar sobre substancias organicas o ar ordinario ou limpo de germens por meio de filtros adquados, confirmaram as experiencias e accersões de Pasteur. Recklinghauson, conservou por espaço de muitas semanas sangue vivo e o coração de uma rã, que decorrida uma semana ainda pulsava.

As formações do hydrogenio sulfurado e do ammoniaco, que produzem o sulphydrato de ammoniaco e com o acido carbonico formam o carbonato de ammoniaco explicam-se na absorpção do oxygenio pelo *bacterium termo*, o qual não encontrando sufficiente quantidade d'este gaz em liberdade para satisfazer a sua respiração, decompõe a albumina e outros principios albuminoides das substancias organicas.

O methodo Lister oppõe-se á infecção microbiana nas feridas ou nas superfies desnudadas da

SERRA DO GEREZ — O RIO HOMEM, JUNTO Á PONTE FEIA (Segundo uma photographia do sr. Julio A. Henriques)

epiderme em resultado de alguma operação cirurgica. Consiste em toda a operação ser realisada n'uma atmosphera saturada de acido phenico, sendo as mãos e os instrumentos lavados com acido phenico, assim como as esponjas, pensos, ligaduras, etc.

«Este methodo, diz o sr. Joaquim Ignacio Ribeiro, distinctissimo lente do Instituto Agricola, de cujo trabalho *O Parasitismo nas affecções contagiosas* — nos temos servido algumas vezes n'esta resenha, — tornou extensivas á cirurgia veterinaria os seus beneficos resultados, conseguindo se já em casos de certas operações salvar animaes ,que anteriormente á introducção d'este melhoramento seriam fatalmente victimados pela septicemia».

## III

Uma das mais brilhantes phases da vida scientifica de Pasteur é sem duvida as suas discussões e experiencias ácerca da septicemia.

Coze, Feltz e Davaine apresentaram á Academia experiencias que provavam: que o virus septicemico communicado por successivas inoculações, augmenta de energia tanto mais quanto maior fôr a serie d'essas inoculações. Pasteur admitindo essas experiencias e essa conclusão, explica-os do seguinte modo: — O fermento septicemico era na sua origem um fermento misturado e impuro; a sua passagem atravez dos organismos successivos constituiu, de algum modo uma especie de filtracção e de purificações successivas, que o levaram ao maximo da pureza e portanto da energia.

Jaillard e Lepat e depois Paul Bert tendo obtido mortes successivas com a inoculação de animaes atacados do carbunculo, tinham pensado em consequencia do sangue carbunculoso ser imputrescivel e ser a putrefacção devida á presença dos organismos — que esse *virus* estava exempto d'esses organismos. Paul Bert tinha submettido o sangue carbunculoso a uma forte pressão de oxygenio, julgando assim destruir os vibriões fermentos, se elles existissem no liquido. O sangue assim preparado conservou toda a sua virulencia e Paul Bert concluiu que: Que o sangue septicemico é da natureza do sangue carbunculoso e que tanto n'um como no outro não existe nenhum ente organisado.

Pasteur, porém, não sómente contestou as experiencias de Paul Bert, mas as suas conclusões. Pasteur concede que o sangue, no estado são, não contenha nenhum organismo microscopico, e que por conseguinte, seja absolutamente imputrescivel. Concorda em que o sangue carbunculoso puro seja egualmente imputrescivel, porque não contém organismos vivos a não ser as bacteridias, seres essencialmente *aerobios* e por conseguinte improprios a propagar a putrefacção. Nega, porém, que Paul Bert tenha operado sobre sangue carbunculoso dotado da pureza conveniente para que a fermentação ficasse d'elle incluida com os vibriões. É incontestavel que as bacteridias, cuja presença é essencial á producção do virus carbunculoso, não poderiam existir indefinidamente nos cadaveres em putrefacção, mas é falso que a putrefacção distrua immediatamente o virus carbunculoso e as bacteridias, que o constituem. Emquanto que esses organismos adultos são paralysados no seu desenvolvimento ou mortos quando submettidos a temperaturas extremas, á putrefacção, á acção do alcool ou ao oxygenio comprimido sob muitas atmospheras, os esporos ou germens não se alteram sob estas influencias e germinam immediatamente, se forem postos em contacto com algum liquido adquado. Esta asserção foi comprovada pela seguinte experiencia. Um liquido carregado de vibriões é submettido durante 21 dias á forte pressão de 10 atmospheras de oxygenio e em vez de vibriões, que desapparecem, vê-se grande numero de pontos brilhantes sobre os quaes o oxygenio e o alcool absoluto não teem influencia. Pasteur viu vibriões produzidos por esses esporulos, os quaes são de um grande comprimento relativamente, mas transparentes. Em Alfort, Pasteur

mostrou-os a Bouley. Eram de taes dimensões que occupavam o campo do microscopico e tinham movimentos flexuosos, affastando para um e outro lado os globulos sanguineos.

As experiencias realisadas pelo sabio francez n'um estabelecimento de *equarrissage* em Sours, são interessantissimas para o assumpto. Ellas provam a concorrencia que no apparelho da circulação sanguinea dos cadaveres carbunculosos se póde dar, quando o meio interno, onde existem as bacteridias é invadido pelas bacterias da putrefacção. N'este caso o parasita que mais vivaz e resistente se mostrar é o que ficará senhor do terreno entorpecendo ou anniquilando o adversario. Este facto, que se dá varias vezes com as fermentações — e que, como dissémos n'uma das nossas revistas das *Actualidades scientificas* — é a base de um novo modo de curar — a *microbiotherapia* — realisou-se com as inoculações de Jaillard e Lepat — nas experiencias — a que acima nos referimos. Estes professores inoculando em animaes vivos o sangue de um animal morto de carbunculo, não transmittiram essa doença, mas a *septicemia* causada pelos vibriões, que se haviam apoderado do cadaver, sendo causa da putrefacção e da destruição da bacteridia carbunculosa.

As experiencias de Sours, ao pé de Chartres, foram as seguintes. Apresentaram a Pasteur tres animaes: um cavallo morto de carbunculo havia 24 horas, um carneiro com 16 e uma vacca com 48 horas. Examinado o sangue encontrou-se no do carneiro apenas bacteridias; no do cavallo, alguns vibriões e um grande numero de bacteridias; e no da vacca muitos vibriões e poucas bacteridias. O sangue do carneiro, o qual continha apenas bacteridias, produziu a morte do animal inoculado, tendo-se-lhe encontrado no sangue bacteridias e conhecendo-se que morrera de affecção carbunculosa. O sangue do cavallo e da vacca tambem produziram a morte dos animaes, que o receberam, mas não se lhes encontrou no sangue as bacteridias caracteristicas. Tinham succumbido pela *septicemia*. Havia-se inoculado a *porcos da India* o sangue do cavallo e da vacca, declarando-se immediatamente uma inflammação intensissima nos musculos do abdomen e dos membros; formaram-se vesiculas de gazes em varios pontos. A autopsia mostrou o figado e os pulmões desmaiados. O coração não continha sangue em massa agglomerada ao contrario do figado. Nas serosidades accumuladas em volta dos intestinos e das visceras havia um numero prodigioso de vibriões, os quaes submettidos ao oxygenio comprimido ficaram immoveis, mas não foram destruidos. As bacterias zymogeneas da fermentação putrida, o *bacterium termo* havia-se apoderado dos cadaveres do cavallo e da vacca e luctando com o *bacillus anthracis* aniquillára este microbio.

Pasteur ainda entre outras realisou uma experiencia tambem concludente. Depois de haver inoculado n'um cavallo o virus *septicemico*, matou-o quando estava quasi a succumbir e inoculou a outro animal a serosidade que exsuda das partes inflammadas ou que se accumula em volta das visceras. O animal não tardou em a fallecer em condições, que accusam a grande virulencia do sangue inoculado. Se este, porem, for tirado do coração, o animal não apresentará caracter nenhum de virulencia.

Com estas experiencias demonstrou pois Pasteur que é a bacteridia ou *bacillus anthracis* — organismo vegetal microscopico, a causa do carbunculo. E ainda para maior comprovação, tendo mandado regar com agua inficcionada de bacterias um campo de luzernas, poude produzir artificialmente o carbunculo.

(Continua) *João de Mendonça.*

## EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PHOTOGRAPHIA NO PORTO

Abriu no dia 4 d'este mez, na vasta nave do Palacio de Crystal Portuense, a exposição internacional de photographia.

Esta exhibição representa mais um dos commettimentos prestantissimos da iniciativa particular, ou por outra, mais um serviço feito ás artes pela direcção d'aquelle estabelecimento.

Sem o menor sacrificio do paiz, e sem a mais pequena influencia official, até, a referida direcção, auxiliada pelo zelo e pela boa vontade dos cavalheiros que se lhe aggremiaram, formando a commissão executiva, conseguiu reunir os elementos de um certamen cuja importancia se accentua não só pelo grande numero de photographos notaveis estrangeiros que a elle concorreu, como pela belleza de muitos dos productos expostos.

Todos os inventos mais recentes da photographia, todas as perfeições conseguidas até hoje n'essa maravilhosa arte, emfim todos os processos technicos nas suas variadas applicações, alli se patenteiam.

E comtudo, desagradavel é dizel-o, na presente exposição, em que sem duvida alguma a photographia portugueza se acha dignamente representada, faz-se notar a ausencia de grande numero de photographos nacionaes, que podiam apresentar-se n'ella sem desdouro.

O numero de abstenções n'esse ponto é pois bem saliente, e nem sabemos a que attribuir a sua verdadeira causa.

N'um paiz em que ha tantos photographos de profissão, apenas concorreram a um certamen, realisado por assim dizer dentro da sua propria casa, tres do Porto (não contando com a casa Biel & C.ª, que se diz tencionar ainda exhibir uma collecção dos seus trabalhos), dois de Lisboa, e tres de Coimbra.

Em compensação é grande o numero de amadores, entre elles alguns muito distinctos, que se apresentam com specimens de primeira ordem, e á frente dos quaes se acham no logar de honra o sr. Carlos Relvas e sua ex.ma filha.

Não faltam portanto n'este grande concurso nem incentivo para a curiosidade, nem mesmo noções

# O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 252)

## XXVI

### O ministro da alçada

Era ao cair da tarde quando o ministro da alçada, seguido de tres esbirros e de muito povo, se apresentou em casa de Simão Pires Solis.

Foram tomadas todas as saidas, e subindo o ministro, seguido do escrivão, disse:

— De ordem de el-rei abram.

A porta abriu-se de par em par e appareceu um homem de estatura elevada, porte elegante e de natural altivo.

Era Simão Pires Solis.

O magistrado avançou então dizendo:

— É o ministro da alçada.

E como se este nome só bastasse para acobardar o mais forte e alevantado espirito, Simão Pires Solis (1) empallideceu de subito, perdendo logo aquella serenidade viril, aquella firmeza de vontade com que se mostrava sempre superior e forte em todas as situações difficeis.

— Senhor, estou ás suas ordens, respondeu elle com uma humildade a que não estava habituado.

N'isto o ministro fez signal ao escrivão para que se preparasse, a fim de tomar nota do interrogatorio que ia começar.

— Chama se Simão Pires Solis e filho de Duarte Pires Solis, já fallecido, tem tres irmãs freiras professas em Santa Clara, e é conhecido por seu genio turbulento e inquieto.

Com estes preliminares o ministro da alçada mostrava evidentemente que estava prevenido de uma maneira singular a respeito da pessoa com quem ia tratar.

Simão Pires Solis comprehendeu bem o alcance d'essa prevenção.

Balbuciou umas palavras inintelligiveis e uma vertigem se lhe apoderou momentaneamente dos sentidos a ponto de ser preciso apoiar-se á meza em que estava o escrivão.

O ministro lançou-lhe um olhar triumphante e sorriu de uma maneira ameaçadora.

Aquella turbação em bom direito era um promenor precioso.

— Vamos, proseguiu elle, espero que responda com serenidade e clareza ás perguntas que lhe vou fazer. Não é crivel que um homem da sua coragem e da sua qualidade trema por tão pouco...

E sem dar tempo a qualquer objecção, continuou:

— Diga-me, onde passou a noite de hontem, sexta feira 15, em que occorreram os acontecimentos de que deve ter noticia?

Fitou-o em seguida com muita firmeza, e repetiu:

— Responda a verdade e só a verdade.

Houve então uma pausa tremenda em que mal se ouvia o respirar d'aquelles homens.

Solis bem sabia a que alvo miravam as perguntas do ministro.

Naturalmente não lhe era estranho o facto das suas relações em Santa Clara e bem manifestamente lh'o dava a entender, recordando-lhe logo nas primeiras palavras a circumstancia de ter alli tres irmãs.

— As Ave Marias, respondeu, procurando uma evasiva para ganhar tempo, estive em casa de uns amigos.

— E depois?

— Depois estive em casa de uma mulher.

O ministro, encrespando o sobr'olho, exclamou:

— Uma mulher! E quem é essa mulher?!

— Não está no meu animo dizel-o, seria um miseravel se por qualquer consideração de interesse proprio ousasse commetter similhante infamia.

— Oh! está notavelmente respeitador das suas amantes, de cujos nomes e de cujo numero, que são bem publicos em toda a cidade, se lisonjeia o seu caracter. Todos sabem que se gaba de perder e difamar mulheres.

Simão Pires Solis sentiu nas faces o effeito moral de uma bofetada.

Aquellas palavras tinham o quer que era da aspereza de um açoite rasgando-lhes as carnes.

— A mulher a que alludo, affirmou elle com uma resolução inabalavel, não vem em nada para a questão de que se trata. Eu recolhi ás nove horas a casa d'ella não saí até manhã.

— Mas foi visto na sua porta com espada e rodela, sendo alta noite, e alguem jura tel-o encontrado no Poço de Entre as Hortas e reconhecido pela voz.

Esta accusação, de todo o ponto falsa, obrigou o a uma explosão de colera.

— É mentira, bradou: ahi estão os meus criados todos que declarem se não é verdade o que affirmo.

O ministro tomou então uma attitude solemne e disse:

— A justiça sabe o contrario e vae proval-o; á hora em que devia ter sido commettido o infame attentado, o senhor não estava em casa.

Depois estendeu a destra de uma maneira solemne:

— De ordem de el-rei, disse, está preso, Simão Pires Solis.

Depois os esbirros apoderaram-se d'elle de um modo brutal e arrastaram-o até á rua.

Tudo isto se passou n'um silencio sepulchral.

A ferocidade da justiça tinha-se n'aquelles dois dias mostrado de uma maneira tal que a consciencia publica começava já na sua mudez significativa a protestar contra as deliberações arbitrarias dos ministros da alçada.

Pouco depois os familiares de Solis, uma criada, outra mulher que elle tinha em casa e um lacaio saiam tambem debaixo de prisão.

Haviam confirmado em tudo o depoimento de seu amo, jurando que elle ceiára e recolhera em seguida ao seu quarto, accrescentando o lacaio que por suas proprias mãos fechára a porta da rua, deixando como de costume a chave na fechadura.

Iam ser postos a tratos, a fim de se lhes arrancar uma confissão conforme aos interesses da justiça.

Os desgraçados caminhavam lentamente para o supplicio que os esperava, soltando lastimosas queixas e protestando a sua innocencia e de seu amo.

Entretanto o ministro da alçada procedia a busca rigorosa em casa de Solis, e encontrava-lhe entre os papeis uma relação nominal de mulheres com quem elle entretivera correspondencia, e que era como que o catalogo das suas aventuras galantes.

O corregedor havia-lhe dado a esse respeito instrucções particulares, no interesse de evitar algum maior escandalo, e portanto todos os papeis de Solis, que tivessem caracter compromettedor para alguem, deviam constituir segredo de justiça e ser inutilisados pelo fogo, para o que ordenára os levassem todos á sua presença.

D'este modo o ministro, apenas concluida a diligencia, dirigiu-se immediatamente a casa do corregedor, a fim de dar conta da maneira por que se desempenhára da sua commissão.

O interesse que o magistrado mostrava n'este negocio, trazia todos os seus subordinados, ciosos do valimento de tão alto personagem, grandemente empenhados em o servir.

Gabriel Pereira de Castro recebeu-o com especial agrado, e depois de lhe significar quanto lhe era grata a dedicação e zelo de que estava dando testemunho, informou-se detidamente das circumstancias da prisão de Solis.

O ministro não omittiu o mais insignificante pormenor; quando concluiu a parte respectiva aos interrogatorios, o corregedor estendeu-lhe a sua mão, dizendo:

(1) Nos apontamentos que servem de base a esta narrativa, chama-se-lhes Simão Lopes Solis e Pedro Solis, e na sentença Simão Pires Solis. Seguiremos o documento official por ter mais authenticidade que os outros apontamentos, simples versão colhida da tradição popular e de noticias transmittidas ao tempo em que occorreu este caso.

para proveitoso estudo dos que se dedicam por prazer ou por profissão á photographia.

A exposição occupa toda a nave central, incluindo o palco.

Por baixo das galerias estabeleceram-se uns apainelados, de arco a arco, onde tomam logar os diversos expositores, e ao centro collocaram-se tambem filas de mostradores, em que outros exhibem as suas provas em cartões.

Os dois lanços da parede da entrada do salão são occupados, o da esquerda pela Photographia União, e o da direita pelo sr. Carlos Relvas e pela sr. D. Margarida Relvas.

No palco exhibem os seus trabalhos a Photographia Moderna, que ahi estabeleceu tambem um pavilhão para venda de albuns, e o Centro Artistico Portuense, que apresenta varios desenhos, copias de photographias.

Feito este rapido esboço do aspecto geral da exposição e do seu valor, vamos passar em revista os diversos productos que n'ella se offerecem ao exame do visitante, começando pelos photographos de profissão e concluindo pelos amadores.

Porto, abril.

(Continua.) *Manuel M. Rodrigues.*

## RESENHA NOTICIOSA

CANONISAÇÃO. Sua Santidade Leão XIII publicou uma bulla canonisando Clemente Maria Hofbaner, padre que morreu em Vienna em 1820. Sobre esta beatificação houve grande opposição por parte do imperador Francisco José, quando em 1876 foi admittida pelo papa Pio IX. Leão XIII, porém, reconheceu-a por estarem sufficientemente provados dois milagres do padre Clemente.

REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ. Esta sociedade celebrou, no dia 28 do mez passado, uma sessão solemne para inaugurar na sua sala o retrato do professor de esgrima o sr. Henri Petit. A esta sessão, que foi muito concorrida de convidados e socios, seguiram-se notaveis exercicios de esgrima pelo professor do club, sr. Antonio Martins, em honra do sr. Petit. Foi uma festa agradabilissima e que enthusiasmou os espectadores, pela bravura e mestria com que se realisaram os assaltos e jogos d'armas. Agradecemos o bilhete que recebemos para esta sessão.

CONDESSA DE CHAMBORD. Falleceu no dia 25 de março ultimo, em Goritz, a condessa de Chambord, viuva do conde do mesmo titulo, que falleceu em 1883. A condessa de Chambord era filha dos duques de Modena, e tinha casado, em 1846, com o duque de Bordeos, conde de Chambord. Nascera a 14 de julho de 1817. Desde a morte do seu esposo que a condessa de Chambord tinha caido em grande tristeza e abatimento, toda entregue ás consolações da religião. Por sua morte deixou o grosso da sua fortuna a D. Carlos de Bourbon, seu sobrinho, e não menos partidario do throno e do altar que sua tia.

HOMENAGEM A CAMILLO CASTELLO BRANCO. A camara municipal de Villa Nova de Famalicão resolveu denominar a rua principal da villa com o nome do illustre romancista portuguez.

EXEQUIAS DE D. FERNANDO NA CHINA. Celebraram-se com grande pompa, na egreja de S. José de Shangae, a expensas da colonia portugueza, solemnes exequias por alma de el rei D. Fernando. Assistiram os ministros de Italia e de Hespanha, os consules de todas as nações lá representadas, officiaes americanos, francezes e japonezes, os presidentes das camaras municipaes franceza e ingleza, grande numero de convidados, e o Taotai com toda a sua comitiva. A presença d'este ultimo personagem n'esta solemnidade, e n'uma egreja christã, é bastante significativa, especialmente na occasião em que se está entabolando contracto especial com a China, demonstrando as boas disposições em que o celeste imperio está a respeito de Portugal.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Catalogue d'une collection camoniana.** A. Ferin, livraria, Lisboa. Este catalogo é precedido de uma biographia de Camões, escripta pelo sr. Antonio de Serpa e publicada em 1853 no *Portugal Artistico*, e agora traduzida em francez por Mr. Ortaire Fournier. As obras relacionadas são 329 além de varios jornaes commemorativos do tricentenario de Camões, onde vemos que falta o supplemento ao n.º 59 do OCCIDENTE, publicação das mais importantes que se fizeram, tanto artistica como litterariamente e em que se reuniram documentos valiosos como o fac-simile do retrato de Camões á penna por Manoel de Faria e Sousa (1639), o quadro de Slingeneyer *Camões salvando os Lusiadas do naufragio*, uma composição original de Manoel de Macedo representando *Camões lendo os Lusiadas a D. Sebastião na Penha Verde* e outras illustrações, bem como os numeros seguintes do OCCIDENTE em que se archivaram desenhos das festas que se fizeram em Portugal e no Brazil por occasião do tricentenario, com os respectivos artigos descriptivos. Esta camoniana será vendida em leilão que está annunciado para o dia 3 de maio proximo.

**Á roda da Lua**, por Julio Verne, David Corazzi editor, Lisboa. É o segundo volume pertencente á grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, que tem tido no publico o mais lisonjeiro acolhimento, acolhimento justificado pela barateza e nitidez da edição.

---

— Approvo em tudo o seu procedimento e louvo sobretudo a sua sagacidade. Esse homem é de facto o auctor do nefando crime e sobre elle farei recair todo o rigor da lei.

O ministro confirmou essa opinião, porque de todo o ponto lhe convinha lisonjear um superior, todavia julgou dever objectar que o depoimento dos criados de certo modo vinha corroborar a negativa do réo.

— Oh! está muito enganado, replicou o corregedor triumphantemente Solis saiu de casa de uma maneira furtiva, portanto muito de proposito se recolheu mais cedo e deixou que os servos dormissem para elle sair, sem ser presentido, altas horas da noite, com todas as precauções, a ponto de levar o seu cavallo com as patas envoltas em pannos.

O ministro ficou surprehendido.

— Mas seria precisamente para ir commetter o crime? Desejava interrogar essa testemunha.

— Já dei ordem para lhe ser apresentada. É aquelle miseravel que pretendeu roubar o filho do meu escrivão. Elle viu Solis e reconheceu-o. Dava meia noite no relogio da Sé quando se apeava junto do muro da cerca do convento de Santa Clara.

O ministro soltou uma exclamação, como quem encontra a solução de um problema difficil.

— Oh! Seria alguma aventura de amor. Elle allega que visitou uma mulher e...

— Isso é um outro ponto de defeza que se destroe pela declaração da testemunha que uma hora depois encontrou Solis entre o lodo no Poço de Entre as Hortas.

Dizendo isto o corregedor abria muito os olhos injectados de sangue e exclamava de murro fechado:

— O malvado é capaz de tudo e tudo preveniu. Mas essa defeza é infame e prova unicamente o seu detestavel caracter, indo ferir a honra e a reputação das senhoras religiosas de Santa Clara, que elle frequenta por ter ahi tres irmãs. Se ousa produzil-a eu não lh'a admitto.

Estas palavras foram proferidas com uma accentuação feroz que intimidou o proprio ministro.

— Estou plenamente de accordo, disse elle, e temos á mão um excellente documento que vae dizer-nos se de facto o réo preveniu essa hypothese.

— Um documento! repetiu o corregedor, deixe-m'o ver!

E immediatamente se apoderou da relação encontrada em casa de Solis e que o ministro lhe apresentou, dizendo:

— Conforme as ordens que recebi, posso jurar que ninguem viu esse papel.

Entretanto o corregedor passava-o pela vista rapidamente, com um grande interesse, traduzindo na physionomia um mixto de sentimentos oppostos: a inquietação, o despero, o alvoroço, a impaciencia.

Quando concluiu a leitura pareceu respirar como se descançasse de uma grande luta.

— Não ha aqui nenhum nome que diga respeito ao convento de Santa Clara.

— N'esse caso...

O corregedor não o deixou continuar e concluiu:

— Deixar-se-ha queimar sem appellação nem aggravo que lhe preste, porque foi elle o principal auctor do desacato que nos cumpre vingar.

O ministro curvou a cabeça estranhamente impressionado.

Desde esse momento uma apprehensão terrivel se apoderou do seu espirito, e era que o corregedor parecia mal poder occultar o proposito em que estava de perder aquelle homem.

O corregedor tinha-se trahido, mas sustentava o seu papel de uma maneira inalteravel.

— Fiz prender o irmão do réo hoje mesmo, e na sua qualidade de clerigo mandei o para o Aljube Ecclesiastico. Mande-o vigiar. Tambem foi preso o alferes Barbosa, que ainda ha pouco saiu do santo officio. É christão-novo e valentão das arruaças do réo. Tenho boas apprehensões de que não foi estranho ao crime. Deve depôr no processo. Aperte-o bem.

Feitas estas recommendações estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Cumpra o seu dever.

O ministro curvou-se reverencioso e saiu atormentado e quasi convencido de que estava sendo instrumento de uma intriga infame.

D'ahi, quando se despediu do corregedor, tinha-lhe parecido que a mão d'elle tremia.

Seria crivel que se ousasse queimar um homem, condemnar á fogueira uma pessoa, por simples inducções e testemunhas suspeitas?!

Era horrivel!

A sua consciencia começava a protestar.

Estava então em Lisboa o desembargador Diogo Lobo Pereira, grande lettrado. Dirigiu-se a elle a communicar-lhe as suas apprehensões.

Diogo Lobo Pereira era uma consciencia recta e um espirito ardente.

Abraçou o ministro e disse-lhe:

— Juro-lhe que se fôr nomeado por sua magestade para juiz, n'essa causa votaria contra. Até lá conte commigo. É preciso salvar esse desgraçado e ha um unico meio de o conseguir.

— Qual?

— Convencendo-o sem comprometter ninguem, sem proferir um nome, de que deve declarar onde passou a noite do crime e explicar por que motivo se rodeava de tanto mysterio para sair a occultas de casa, isto não só para lograr os seus inimigos, que juraram perdel-o. Insista n'este ponto que ha de sair victorioso.

— Deus o ouça, porque era um grande remorso que me tiravam da consciencia, respondeu o ministro.

E em seguida recolheu a casa para continuar nos trabalhos da devassa, mas preoccupadissimo, cheio das apprehensões mais sinistras.

Pensou em pedir a sua demissão, allegar o seu mau estado de saude, emfim procurar um pretexto para se furtar á responsabilidade de submetter a tratos um homem que desde aquelle momento se lhe afigurava innocente; mas dotado ao mesmo tempo de uma grande fraqueza de animo, acobardava-o a idéa de malquistar-se com o corregedor, tão notavelmente empenhado em perder Solis.

Era compremetter o seu futuro.

E elle tinha familia, tinha aspirações, estava no principio de uma carreira que o podia levar longe.

Por outro lado custava lhe a comprehender que interesse occulto poderia ter o corregedor para querer tirar d'aquelle desgraçado rapaz uma vingança tão atroz.

Era na verdade monstruoso, horrivel.

Passou a noite febril, agitado. Logo de manhã saiu a cumprir as obrigações do seu cargo.

Arrastava-se como quem ia para a forca.

Primeiramente dirigiu-se ao Aljube Ecclesiastico, onde estava o irmão de Solis, que o corregedor lhe recommendára.

Mal entrou, e quando ia entender-se com o carcereiro a respeito das instrucções que levava, encontrou-o vivamente inquieto.

— Succede alguma cousa de extraordinario? lhe perguntou sobresaltado.

— Esperava-o com impaciencia.

E com grande ar de mysterio levou o para o seu escriptorio e disse:

— Hontem de tarde veio ahi um lacaio falar com o irmão de Solis e trouxe-lhe um pastellão para seu regalo. Ou porque não tivesse prevenido, ou porque se enganasse na divisão que o padre fez para repartir o bolo pelos companheiros, acertou de um d'elles encontrar um bilhete na parte que lhe pertenceu.

O ministro repetiu machinalmente:

— Um bilhete!

— Sim, ou antes uma revelação importante e altamente comprometedora.

— Prosiga.

— Esse preso, para salvar a sua responsabilidade, em nada se deu por achado, e logo que pôde

MONDEGO — No Choupal (Segundo uma photographia do sr. E. Biel)

mandou-me chamar e entregou-me esse bilhete, sem mesmo o ter aberto, contando-me o que havia succedido e acabo de lhe referir.

Em seguida entregou ao ministro, que estava tremulo e estupefacto, o papel de que se tratava.

Elle desdobrou-o rapidamente e leu: (1)

«*Mano:* — Seja louvado o Santissimo Sacramento. Se lhe perguntarem pelo que se passou e onde eu fui na noite de 15, em que o caso succedeu, diga a verdade.»

Este bilhete não tinha assignatura.

O carcereiro explicou então que era evidente ser o seu conteudo enygmatico um aviso manifesto para que guardasse segredo, porque ás vezes entre os presos se tomava n'esse sentido aquella palavra *Sacramento*.

O ministro ficou um tanto desorientado.

Era crivel que um clerigo de bons costumes e vida austera fosse cumplice a tal ponto com o irmão em um crime de similhante ordem?!

O carcereiro, que unicamente mirava ao proposito de allegar bons serviços e provar a sua capacidade e finura para o cargo de que estava investido, esfregava as mãos de satisfeito, pretendendo inculcar a grande importancia d'aquelle papel, de que tirava as illações mais estupendas.

Na verdade aquelle carcereiro era peor e mais sanguinario que o proprio corregedor.

Tresandavam a carne humana asssada as suas palavras; não era um homem era um vampiro.

— Mas afinal, exclamou o ministro horrorisado de si mesmo, acha que, se unicamente se tratasse do crime do desacato, seria mister este aviso para recommendar segredo a um cumplice? Não bastaria para isso o proprio instincto?

— Então como se explica a apparição d'este bilhete, que segredo é esse que tão mysteriosamente e com tanto interesse se recommenda?

— Não sei, mas é um segredo que nada tem de commum com o facto do desacato.

— E essa a sua opinião?

O ministro estremeceu involuntariamente.

Lembrou-se do corregedor e da sua attitude n'este negocio, que se ia complicando cada vez mais e não ousou tomar abertamente a responsabilidade das suas palavras.

— Não, é a opinião de um grande jurisconsulto e de um integerrimo magistrado.

— O corregedor do crime affirmou-me que tinha a convicção de haver descoberto em Solis o verdadeiro criminoso.

O ministro fez-se muito vermelho e respondeu:

— Eu referia-me ao dr. Diogo Lobo Pereira...

(1) Nota extrahida do accordão da relação.

— Ah! esse é corregedor do civel Para elle não existem criminosos: é bom de mais.

Estas palavras traduziam ainda a opinião que o corregedor fazia do seu collega.

O ministro não replicou.

Assumiu uma attitude grave e perguntou:

— Quem é afinal que encontrou este bilhete?

— É um cigano que veio parar aqui por ordem do corregedor. Foi encarregado de vigiar o padre e é esperto o diabo do rapaz porque o tomou logo por confessor e não o larga a pretexto de salvar a sua alma.

Dizendo isto o carcereiro ria de uma maneira cynica e velhaca.

O ministro fez um gesto de enfado e disse-lhe:

— Mande á minha presença o irmão de Solis.

Cada vez mais se convencia de que tihha nas mãos o fio de um trama secreto e a sua consciencia mais se revoltava contra a idéa de ser o instrumento de uma grande infamia.

Ah! quem sabe se elle havia de ser tambem uma das victimas de tão desgraçado processo?!

N'isto chegou o preso.

Era um clerigo de apparencia respeitavel. Tinha nos labios um sorriso de conformação angelica; nos olhos uma expressão de brandura commovente.

O ministro fez signal para que o deixassem a sós.

Depois das perguntas usuaes, disse-lhe:

— Sabe porque está preso.

— Ignoro inteiramente os motivos porque me trouxeram para aqui.

— Inteiramente não póde ser. A sua prisão coincidiu com outras...

— Certamente. N'estes ultimos dias poucos ha que hajam escapado aos vexames da terrivel suspeita que pesa sobre a cidade.

— Essas suspeitas vão-se confirmando pelos factos e desapparecerão em pouco, porque a justiça possue já elementos bastantes a provar a existencia dos auctores d'esse crime estupendo.

A estas palavras, a que o ministro deu calculadamente um colorido carregado a fim de fazerem certo effeito, o preso, longe de se atmorisar, exultou de uma alegria sincera, e, n'uma attitude merifica, levantou as mãos ao céo, exclamando:

— Graças, meu Deus, que a tua justiça se manifesta em todo o seu esplendor, para confusão dos impios e dos sacrilegios e para exaltação dos justos e dos innocentes, que tantos e tão extraordinarios vexames hão soffrido n'estes ultimos dias de terror.

Não era crivel que aquelle homem estivesse mentindo á sua consciencia.

Havia, porém, o mistro de sustentar o seu papel e obedecendo a essa obrigação dolorosa, elle revestiu-se de toda a sua gravidade e proseguiu:

— Não me parece que tenha razões para tanto se alegrar com as palavras que lhe disse. Deve saber que a sua situação em nada se modifica ou melhora n'este caso, creio mesmo que se aggrava, porque lhe será difficil provar que foi inteiramente estranho ao crime do desacato da egreja de Santa Engracia.

— Eu, eu, senhor, exclamou o padre fóra de si.

E copiosas lagrimas de um grande desespero e de uma afflicção que se não finge lhe caíam pelas faces de uma pallidez e immobilidade mortal.

— Um ministro do senhor! proseguiu. Ah! onde estão os precedentes da minha vida que possam auctorisar uma tal suspeita?!

— Não é irmão de Simão Pires Solis?

O padre ficou um momento tomado de surpreza com o olhar fito no magistrado, que se mantinha inalteravel com toda a expressão altiva da sua auctoridade.

Depois em voz fraca e commovida, exclamou:

— Ah! desgraçado, que não quiz nunca ouvir os meus conselhos.

O ministro vacillou um momento.

Aquella exclamação do padre impressionou-o um pouco.

Teria de facto razão o corregedor?!

— N'esse caso, proseguiu elle, não querendo perder o ensejo que se lhe apresentava, confessa que foi rebelde ás suas admoestações?

— Muito rebelde e muito, respondeu vivamente commovido.

— Sabia portanto do proposito em que estava?

O padre abriu muito os olhos e exclamou:

— Que proposito, senhor?!

Seguiu-se profunda pausa.

Nem o ministro se atrevia a explicar o sentido das suas palavras, nem o padre ousava insistir n'esse ponto melindroso.

Todavia n'essa suspensão instinctiva elles entendiam se perfeitamente e o silencio que guardavam não era por esse facto menos eloquente

— É inutil negar, disse por ultimo o ministro, o senhor estava ao facto do que havia de succeder na noite de 15 do corrente e a prova eil-a.

Dizendo isto apresentou-lhe o papel que havia sido interceptado pelo carcereiro.

O preso abriu-o precipitadamente, mas ao passal-o pelos olhos, a vista turvou-se-lhe, falleceram-lhe as forças e caiu redondamente no sobrado, mal podendo balbuciar:

— Desgraçado irmão!

E não foi possivel arrancar-lhe mais palavra. Tão perfeito era o falso bilhete que acabava de lhe ser apresentado.

(Continúa)

*Leite Bastos*



Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.